

DESPERTAR!

Francisco Guimarães

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Pela Verdade, pela Justiça, pela Liberdade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Campo de D. Carlos I, n.º 26 — BARCELLOS

BIBLIOTECA

Composto e impresso na *Typographia Minerva*

Rua de Santo Antonio, *Famalicão*

14
N.º 3 — Junho de 1909 — 1.º Anno

Instruir! Educar!

Há, sobre todas, uma cousa a reclamar dos governos:—ensino.

Obrigam os governos a instruir—tal deveria ser o esforço unico da opinião intelligente, dos parlamentos, da imprensa e das tribunas. A moralidade e as economias viriam depois... pelo seu pé, como tudo o mais.

JOÃO CHAGAS.

Só pela instrucção e educação se poderá conseguir o levantamento da Patria, mergulhada na criminosa maioria de 80 por cento de analphabetos.

DR. MARTINS LIMA.

HOJE

Sem grande poder de observação e até sem necessidade de vastos conhecimentos se verifica uma série interminavel de factos que pela sua depravação moral constituem o que se chama a decadencia de uma raça.

Tudo é evidencia.

O augmento desolador da prostituição e da homo sexualidade; o desenvolvimento de veras horroros da gatuñice e da vadiagem que nos ultimos tempos tem ultrapassado muito a sua densidade relativa e o desfiar constante de crimes perversos, verdadeiramente tragicos que nós até algum tempo apenas conheciamos pelas phantasias de Xavier.

Irmãos que matam irmãos, filhos que matam esposas; esposas adúlteras, bigamos, falsificadores e difamadores.

As instituições servem-se de meios os mais desconexos, os mais incoherentes para se poderem sustentar e resistirem á evolução das ideias.

Os partidos derrotam-se em combate permanente movidos pela ambição do mando.

Os homens degladiam-se quasi peito a peito, para darem largas ás suas vaidades e ás suas barrigas.

Não ha agricultura, não ha commercio, não ha industria.

Legiões immensas de operarios infestam o paiz de norte a sul sem terem onde empregar a sua actividade e a sua força; esmolam o pão negro da sua misera sustentação.

Não ha culto pelo esforço moral, pela vontade, pelo civismo nem pelo pudor.

A Verdade, o Bem e a Justiça são nullidades. A Educação, esse sol radiantissimo que ha-de ser o alicerce mais forte da Ideia é constantemente deturpada pelo sectarismo negro, pela reacção absurda que vê n'ella o seu inimigo mortal.

E sê-lo-ha, não muito longe, crêmos.

Mas para isso é necessario que eduquemos; que façamos dos monstros homens e dos homens cidadãos uteis; que iniciemos a infancia no caminho da verdadeira Fé, no trilho da verdadeira Crença e na senda da verdadeira Justiça.

Sem isso não teremos a Paz nem o Amor que pouco mais além nos dará a Liberdade, a Fraternidade e a Igualdade.

D. E.

Chronica do Porto

A missa da 1 hora

Nos domingos d'esta quadra primaveril, quando o sol derrama no ar uma tepidez suave, o largo que se estende deante da igreja da Trindade enxameia de ricas equipagens, flammantes automoveis, por volta da uma hora da tarde. É a sociedade distincta que vae á missa do bom tom.

De facto, apozar do Eça ter dito que o ceu e o inferno são concepções sociaes para uso da plebe, o *high-life* sente necessidade de crer n'um juiz sobrenatural, capaz de pequenas con-

descendencias, tolerante com as fraquezas da carne humana. E adora-o, esperançado em que á sua alta categoria nem o Senhor dos mundos negará despacho. Esta ideia não é nova. Ha seculos, houve em França um rei que deu á Virgem Maria um posto no seu exercito e o titulo de condessa. Já então se procurava subornar a corte celestial.

Ninguem, pois, deve pasmar de haver uma certa condescendencia para a alta roda, que põe nas igrejas uma nota elegante.

Ora esta nota elegante sobresa e na missa da 1, que não tem a baixa vulgaridade das coisas religiosas. É uma recepção dada pelo ministro do Rei do Universo. As damas luxuosas e perfumadas, os cavalheiros de refinada elegancia não esboçam no templo gestos de piedade, cumprem as regras; da etiqueta como nos seus salões deslumbrantes. Os pobres, se lá vão, não passam da pia da agua benta, para estenderem a mão faminta ao obulo da riqueza, com uma supplica lamuriada. E assim, a missa torna-se n'uma reunião elegante, cuja assistencia ainda espero vir a ler no *Carnet Mondain* das gazetas, com a descripção das *toilettes*.

Eu, se um dia chegar a depulado e, espicaçado pelo Espirito das Trevas, apresentar ao parlamento alguma proposta de lei antireligiosa, hei de fugir de prejudicar a missa da 1: seria uma barbaridade, um vandalismo, porque a missa da 1 tem ares artisticos. Não dominam allí as beatas de cara embocada em mantas pretas, em lenços d'algodão, mastigando,

por entre um sibilo encommo-do, as suas interminaveis resas d'escravas da divindade, passando rosarios que a sua devoção denegriu e ensebou—rebanho desprezível cheirando a miseria.

Alli triumpham rostos altivos, faces mimosas, labios rubros de seducção, importantes olhares donjuanescos. Mãos delicadas sustentam livros d'orações com artisticas capas de madreperola e marfim. Dedos fidalgos desfiavam contas de prata. E as preces sobem para Deus entre ondas de perfumes que despertam a memoria dos sentidos, relembram horas de sensualidade, para que, talvez, algumas d'aquellas mãos delicadas, alguns d'aquelles labios rubros estão implorando indulgencia.

É quem poderá negar perdão a tão galantes devotas? Creio que nem o Senhor, de mais a mais estando a sociedade distincta em boas relações com a divindade, vivendo ambas na melhor harmonia. Eu, de mim, entendo até que a Igreja deve explorar o mais possivel o bom tom religioso para ter consigo as classes privilegiadas. Porque a plebe, essa, farta do implorar ao ceu justiça, começou já a deserer, e troca o templo pelos comicios do livre pensamento, prefere a taberna ao reino de Deus.

E, afinal, não sae do mau caminho.

Porto.

J. Viera.

Pobre Humanidade

Quando alucinadamente nas horas vagas do pessimismo, relanceamos a vista por uma im-

mensa multidão de gente, o nosso espirito perturba-se profundamente em amplas oscilações, e a nossa alma treme em calafrios de morte.

Temos vontade de erguer os braços para os ceos e pedir clemencia a esse Deus Supremo, sabio e justiceiro, poderoso e bom.

Mas... quando nos convencemos da impotencia do misticismo, quando comprehendemos o nada do alem, temos vontade de fugir ou de morrer: volver para a campa os braços inertes, o cerebro apagado, coração em descanso, e dormir eternamente na silenciosa e gelada campa!

E uma vez ali, jamais veremos o rei imperial sentado no seu bordado palanquim, rendendo-lhe homenagens uma corte de papalvos, homens sem coação no mercado, cerebros despovoados de intelligencia.

Jamais nos causará maguada tristeza, o vermos a loira creancinha inocente, n'aquella simples ingenuidade d'uma flôr, a pedir misericordiosamente á mãe um bocado de pão, que ella infelizmente não tem para lhe dar.

Jamais veremos com horror um aleijão em ferida, que um pobre desgraçado nos mostra ao virar da esquina d'uma rua, mendigando-nos em ais lancinantes uma esmola por caridade.

Ah... como será bom para todo aquelle que tem o verdadeiro sentimento, e que vê pela verdadeira razão esta pobre sociedade, dormir para sempre debaixo d'uma loisa fria!

Uma vez ali, jamais nos causará revolta e nojo, o ver o esboço do avarento, sentado á beira do seu cofre de sete chaves, a rir-se cinicamente para os seus avultados papeis de fundo, ou para as lindas peças de ouro que elle nem sabe d'onde e porque lhe vieram...

Ah... pobre humanidade essa, que anda todos os dias ao relento, debaixo d'um calôr tropical ou d'um frio de gelar os ossos, n'uma faminta miseria e n'uma resignação intoleravel;—de campo em campo, cavando a vinha, semeando a ceára, colhendo o fructo.—e tudo isso, para quem que deitado n'uma cama de marfim descansa socegradamente uma refeição exagerada!...

Ah... quando despertares, e quando reconheceres que todo o valôr está em ti, então a vida será bem diferente. E esses velhos monumentos, que debaixo das suas sombras, deixaram germinar esse mentiroso misticismo, para uns hipocritas de

batinas crearem bandulho á custa da tua ignorancia,—quando despertares, humanidade, esses velhos e goticos monumentos cahirão, sepultando nas suas ruinas essa corja indecente de Gafanhotos.

Valentino.

Carapuças

III

O Ponto do circulo

Pequenino donairoso, jovial, é como que o ponto que marca o centro do *circulo*. Ponto opaco, ponto duro, ponto aspero, procurando mais forçar que atrahir os que no *circulo*, a que preside tem sabido envolver.

A *liga* mais melleavel, mais doce, mais suave, estica se, encolhe-se, mais não chega a poder adaptar-se á delgada perna que procura esmagal-a.

Vamos: acabemos com isto.

Deixem o escuro *ponto* ser ponto, mas façam abertamente da *liga*, da *sympathica* liga, uma facha de luz.

Zef.

O padre

Envolto em negras sotainas, eil-o d'olhar sinistro, onde ha explosões d'odio.

Ministro no orbe de uma religião de *Paz e Amor*, quando no seu coração tem morada a Mentira Alma amassada em lama, exhibindo hypocritamente a Virtude.

Na sombra, occulto pelos trevos, contamina o Iyrio; gangrena com a baba asquerosa que lhe cae dos labios as almas niveas, enlurados de sonhos perfumados...

Histrião de feira; baila-lhe na mascara o riso pulha, eternamente czaico.

Escoria da humanidade, como desprezo trazes no pescoço uma coleira, á guisa de mastin, e no cucuruto da cabeça o estygma da tua nulidade—symbolo d'uma classe maldita—um zero.

Maria Prado

A LIGA

Sinceros e fervorosos apóstolos da Verdade entristece-nos sobremaneira a forma como *alguem* tem pretendido defender a «Liga Barcellense de Instrução e Educação» das aleivosias de alguns espiritos tacanhos e mal intencionados.

Triste defeza!

Mas não admira...

Adontee assim sempre a todos

os que abandonando o verdadeiro e recto caminho e tergiversando da maneira mais evidente, julgam satisfazer os desejos dos clericas, *canastros* e quejandos cujas insinuações temem e recebem.

Accusaram a Liga de perflhar varias ideias, respeitantes ao ensino religioso, expandidas no ultimo congresso pedagogico e, porisso, procuram impô-la aos olhos de todos os fanaticos como uma instituição de fins contrarios á religião do Estado.

E como defendeu esse alguem a Liga:

D'uma maneira um pouco irrisoria declarando alto e bom som que a Liga nada teve com as ideias debatidas quando todos sabem que ella se fez representar n'esse congresso e todos desconhecem que o seu delegado *alguma coisa de favoravel ou contrario* tivesse dito quando se discutiu a materia a que nos referimos

Todos conhecem tambem o conteúdo do relatorio que a Liga enviou ao congresso pedagogico, cujos pontos principaes transcrevemos para justificar a nossa opinião.

São os seguintes:

«Sem duvida o congresso marcará mais um novo e largo acrescendo no desenvolvimento do ensino, e da luz benefica que diffundirá pelos ambitos a que visa, *algum reverbero chegará até nós para nos guiar com maior segurança n'estalunga e espinhosa senda que percorremos ha pouco mais d'um anno*»

«Mas é já alguma coisa (refere-se ao realisado) e tal qual tem sido a Liga se apresenta ao respeitavel congresso de pedagogia saudando-o com sincero jubilo e aguardando as suas sabias conclusões d'onde virão ensinamentos novos, que muito hão-de aproveitar ao seguro desempenho d'esta angusta e redemptora missão de instruir e educar.»

(o grinho é nosso).

Assim, relacionando a doutrina do relatorio com o silencio do delegado da Liga, na discussão do assumpto a que nos estamos referindo, forçoso é concluir que a Liga perflhou as ideias expandidas n'esse congresso.

E desde que em todas as discussões e muito principalmente nas referentes ao ensino religioso, houve quasi unanimidade de opiniões, illogicos seriamos se classificassemos o silencio do delegado da Liga como voto contrario ás ideias expandidas.

Suppõe-se sempre em casos d'esta natureza, e como é natural, que os silenciosos estam do lado da maioria a não ser que por qualquer acto ostensivo se deduza o contrario.

Ora a maioria dos congressistas, uma esmagadora maioria mesmo, prounciou-se a favor da supressão do ensino religioso nas escolas.

Disseram tambem — não nós— que a Liga é um nucleo da de Lisboa, o que aliaz é de diminuta importancia, e esta informação rebateu-a o mesmo *alguem*, dizendo-a absolutamente independente quando, se é certo que pelos seus Estatutos ninguem a pôde classificar como um nucleo de qualquer outra aggremação, no entanto todos a podem considerar como uma

legitima representante da Liga de Lisboa, pelos laços da solidariedade que as une, pela identidade de fins e intuitos que em ambas visa á renovação da Patria Portuguesa pela instrução e educação moral dos seus filhos.

E essa solidariedade que quer dizer dependencia ou, por outra, ligação mutua entre pessoas ou cousas, comprovou-a a «Liga» pelo relatorio que enviou ao congresso pedagogico, relatorio que, sendo ella uma aggremação independente, nunca deveria ter enviado a essa assemblêa.

Mas ainda pelos proprios Estatutos da Liga Nacional se pode provar o que affirmamos e, até mesmo, considerar a Liga de Barcellos com um nucleo da de Lisboa

Dizem os citados Estatutos no artigo 3.º

«Esta Liga terá a forma federativa, compondo-se de todas as associações de instrução já existentes que *queiram adherir a este plano* e de quaesquer outras que se venham a constituir ou por iniciativa local ou promovidas pela Liga nas localidades onde mais necessarias se tornam e possam ter vida».

E a Liga Barcellense, fundada mais recentemente, adheriu ao plano da de Lisboa?

Sem duvida; logo, segundo a doutrina do § 1.º do já citado art. 3.º,

«—Essas associações serão como nucleos autonomos, ligados ao central de Lisboa apenas com intuito directivo e de mutuo auxilio pedagogico e pecuniario.

Demais a «Liga» mandando um delegado ao congresso e enviando sempre a sua plena adhesão a todas as assemblêas magnas da «Liga Nacional de Instrução» satisfez já ao preceituado no § 2.º do citado art. 3.º, que diz:

«—Essas associações ou nucleos locais far-se-hão representar por delegados nos congressos annuaes e nas reuniões maximas especiaes que a Liga determine fazer para a união e progresso dos seus emprehendimentos».

Triste defeza, repetimos!

E porquê?

Para contentar os reaccionarios, para não hostilisar os clericas cujos golpes a Liga parece temer e receiar?

Mas engana-se quem a defendeu e mau caminho segue a direcção da Liga.

Que julgam conquistar com semelhante attitude?

A solidariedade dos que aleivosamente a combatem?

Puro engano. Esses guerreiam-na não com receio, de que seja contraria á religião do Estado, mas sim, com o intuito de a fortalecerem a tornar-se um instrumento da reacção e uma fiel propagandista das ideias retrogradadas e sanguinarias que o clericalismo pretende incutir em todos os espiritos.

Emquanto que não trilhar o caminho das *canastros* e *canastros* terá sempre a pretexto de tudo e por tudo a guerra sórdida, a campanha disfarçada e encapota do terrivel inimigo — a *reacção*.

Succeder-se-hão as predicas e os sermões, continuará a diminuir a concorrência ás suas colas e s

Ao povo

por mais entrevistas que realise a direcção da Liga, obterá sempre dos entrevistados a mesma resposta negativa, muito cinica, pouco verdadeira.

A Liga, portanto, morrerá porque, pretendendo ingenuamente, com tam humilhante attitude, desarmar os reaccionarios, não o conseguirá sem que abraçe a causa d'elles, e em qualquer dos casos, quer transigindo, quer apostatando, offenderá os sentimentos das almas bem formadas e disvirtuará os seus fins que devem ser o rejuvenescimento da Patria pela diffusão da Verdade—*instruindo*—, implantação da Justiça e gozo da Liberdade—*educando*.

Covardissima attitude, humilhante transigencia!

Recuar, abandonar como inuteis e prejudiciaes as ideias expandidas no ultimo congresso; porquê?

Romper todos os laços de solidariedade com a Liga de Lisboa; Porquê?

Por as ideias discutidas serem contrarias á religião do Estado? Em quê?

Por acaso alguém advogou no congresso a criação de escolas contra a religião?

Não; ninguém pode affirmar o contrario.

Defenderam apenas alguns, bastantes até, o ensino laico e preconisaram os beneficios das escolas destituidas da minima influencia religiosa.

Será isto defender principios contrarios á religião do Estado?

Não! Seria, se o congresso julgasse util expurgar das escolas o ensino religioso adoptado e pretendesse substitui-lo pelo ensino de outros principios religiosos.

Isto é que seria atacar a religião; o contrario, isto é, subtrahir das escolas todo e qualquer ensino religioso, é apenas instruir e educar sem quaesquer intuitos de sectarismo.

Porque não segue a «Liga» o verdadeiro caminho, o caminho da Verdade, a senda traçada pelos altos espiritos do seculo xx de maior auctoridade, sem duvida alguma, do que o Padre Mattos cuja moral todos, em Ervidel, muito bem conhecem?

Porque não affirma bem alto e nobremente: a «Liga Barcellense de Instrucção e Educação não quer escolas contra a religião mas sim escolas sem religião?

Quer transigir com a Reacção?

A Liga morreu! Paz á sua alma.

Um socio da Liga.

Pela verdade

Um mentiroso (nem outra coisa era de esperar de um socio do «Circulo Catholico») affirmou-nos e a varias pessoas, o que podemos provar, que tinha sido expulso do «Grupo 29 de Abril», do «Circulo Catholico», por lêr o nosso jornal.

Sobre isto demos uma noticia no numero passado. Melhor informados soubemos que elle mentiu e como temos por norma a verdade, não podiamos deixar de fazer esta rectificação.

A infame corja execranda de sevandijas, — filhas degeneradas da nação Portugueza—que compõem a escandalosa monarchia, que exturquem e exhaurem gotta a gotta o sangue do povo humilde e proletario, — os fundos nacionaes alcançados á custa de innumerados sacrificios — e que deixaram o paiz chegar ao deploravel, vergonhoso e humilhante estado de devedor faminto, precisa ser momentaneamente eliminada. Mas para isso povo amigo; é mistér que sejamos unanimes a uma só causa, a uma vontade, a uma só ordem, que a defendamos e denodadamente plejemos por ella, assim como, nas épocas remotas de 1385 e 1640, os povos coevos, sem vacillar nem trepidar um só momento pelo direito que tão arduamente defendiam, batalhavam a peito descoberto, recebendo heroicamente o chuveiro de balas e cutiladas que o soberbo e numeroso exercito do rei de Castella lhes despedia, mas não abandonado jamais aquelles valentes, o campo da batalha, tornado já então em campo de morticinio, sem que a morte a muitos fize-se desaparecer, ou a victoria, mais uma vez, engrandecer.

Conhecendo que não convinha por fórma alguma o dominio estrangeiro sobre a patria que tantas lagrimas e vidas já então lhes tinha custado, todos, tanto novos como velhos, e até as proprias mulheres, abandonaram seus lares, os carinhos e dedicações de suas familias, indo filiar-se nas hostes guerreiras com o nobilissimo fim de derrotar quem tão incauta e desapiadadamente os veio tirar do seu habitual e pacifico socego, roubando-lhes a liberdade que gosavam.

Tinham até por criminoso todo aquelle que podendo e no momento em que a patria tanto perigava, não fosse derramar o seu sangue por ella.

Talvez me cognomineis de exagerado por eu equiparar a posição nacional da actualidade com a d'aquellas eras passadas; mas a verdade, é que ella, devido á impericia e má administração dos chefes do regimen monarchico e ao interesse que o estrangeiro alimenta de vir brevemente a possuir este lindo torrão que se chama Portugal, parece a de aquelles remotos tempos.

E nós, os netos d'aquelles egregios povos, cegos, obcecados e desvairados pelas propor-

ções de decadencia a que chegou a nação Portugueza, caminhamos a passos agigantados para o cáhos enorme que o interesse soez dos ministros do regimen nos tem aberto, sem termos, como aquelles povos, um momento de lucidez, maior arrojo e abnegação, para solidariamente depôrmos tão vis administradores, e implantarmos a democracia, causa unica que nos pode salvar.

Desenganemo-nos povo.

A náu Portugueza que navega nos mares da Europa, desde o seculo XII, que entrou nos combates de maior renome, que viajou por mares nunca d'antes navegados, que viu nascer os vultos de genio privilegiado que excederam a seus contemporaneos, como guerreiros, como navegadores, como descobridores, como poetas e como estadistas, emfim, essa nau que durante o periodo de quasi oito seculos assombrou o mundo com suas façanhas, está rota, velha, cansada, corrompida e roída, não pelas garras do bicho do caruncho, como talvez imaginasseis, mas pelas garras ferinas do bicho cacique monarchico, que é mil vezes mais destruidor que aquelle outro. Portugal não pode continuar assim.

A monarchia despota e tyranna, não tem razão de ser, e presentemente mais que nunca.

Se a indolencia e arranjismo de uns, o interesse e analfabetismo de outros tem sido a causa da ruina do nosso paiz, é preciso corrigil-os e compenetrarmos-nos de que a monarchia Portugueza, tal qual como é, só encerra em si a infelicidade, a anarchia e a morte; e a Republica tal qual como é, só encerra em si a felicidade, a ordem e a vida.

Assim termino o meu preito d'hoje, pedindo-vos:

Que sejaes uteis e prestaveis á vossa patria, que vos lembreis e sigaes o procedimento recto e heroico de vossos avós, e que quaes dextros generaes opereis a morte da monarchia, com a maxima promptidão, brevidade e comiserção para com os vencidos,—porque, emfim, são vossos irmãos,—e a implantação da Republica com mais extraordinaria habilidade e a menor mortandade.

Frei Sincero Mentiras

Excerptos d'um sermão

IV

O perigo da agua benta

É já que vos fallei de hygiene, deixae-me dizer-vos

quanto é perigoso o molhar as mãos e a testa com a agua que se encontra á entrada das igrejas, em pequenas pias, verdadeiros focos infecciosos, que a auctoridade devia mandar destruir.

Alli, um leproso, depois de coçar-se desesperadamente, mergulha a mão para ir assistir á missa!

Após elle uma beata mysticamente embiocada, molha os dedos com que ataca de rapé o nariz, com que mata os insectos que lhe picam o corpo, com que executa os mais reconditos e indecorosos serviços, sem previamente os ter lavado!

Um tisico, em mornos suorres de febre, depois de uma noite tormentosa de insomnia e tosse, vae na esperanza de uma cura milagrosa, humedecer a sua escaldante fronte com a agua benta, para ir orar baldadamente pedindo um allivio!

Qualquer creatura immunda (tantas por ahí ha) que nunca soube o que é limpeza, com as unhas atacadas de varias materias negro-microbidas, alli vae, tambem, metter a mão para poder rezar com mais resultado, julgando isso uma coisa indispensavel e lançando assim aos olhos dos ignorantes uma poeira opaca de fé religiosa!

Vêde pois, o perigo que constitue a agua benta e como ella pode ser o agente das mais graves doencas, das mais terriveis epidemias!

Estas pias, escusado era dizer-vos, nunca são lavadas e a agua só é substituida quando o gasto e a evaporação a vão reduzindo.

Na despolida superficie de pedra da pia, quanto microbio acoitado, quanta porcaria acumulada!

Germens das mais terriveis e rebeldes molestias, alli se encontram!

E quantas vezes da agua já estagnada (o que a benzedura não pode evitar) se desprendem emanações repugnantes, que nos podem causar nauseas e vertigens?!

Mas isto não importa, porque a religião, anda desde o seu começo, até pelos exemplos do proprio Christo, de braço-dado com a porcaria!

Para bem geral, para bem da humanidade, deviam ser destruidas essas pias infecciosas, ou, pelo menos, secal-as e pôr de parte a lèria da agua benta, que para nada serve a não ser para nos

transmittir doenças muitas vezes incuráveis.

Os próprios assassinos de Christo, os que lhe teceram a intriga, os que compraram o Judas, também com isso lucrariam e parece-me que pouco ou nada os poderia prejudicar tal medida.

Isto, o beijo nos santos e na cruz, pela paschoa,—costume que deve ser banido—deve ser evitado por todos os que presam a sua saúde e teem a guial-os a norma da razão.

É tratando de uma causa tão justa, que só pode ser benéfica poderei ser censurado?

Oh! Não o duvideis! Se-lo-hei com certeza!

Qualquer beata ou beato que isto saiba, persignar-se-ha tres vezes!

Qualquer padre que me ouvisse, traçaria no ar com a dextra duas cruces e diria, como ha pouco o sr. Prior: *Excomungatum est sub tuum praesidium confugimus qui tollis peccata mundi exaudi nos Domine.*

Nostra deprecationes ne despicias in necessitatibus sed a periculis cunctis diablis libera nos semper.

Mas isto... não tira nem põe...

Frei Ignacio.

Trechos escolhidos

A deusa da Verdade habita o templo da Natureza, as verdes florestas, o mar azul, os montes cobertos de neve;—não habita as sombrias galerias dos claustros, nem as estreitas enxovias das escolas conventuaes, nem as Igrejas christãs perfumadas d'incenso. Os caminhos por onde nos aproximamos d'essa sublime deusa da Verdade e da Sciencia, são o estudo, feito com amor, da natureza e de suas leis, a observação do mundo infinitamente grande das estrellas por meio do telescópio, do mundo cellular infinitamente grande das estrellas por meio do telescópio, do mundo cellular infinitamente pequeno, por meio de microscópio; mas não é nem por ineptos exercicios de piedade ou orações murmuradas sem pensar, nem pelos dinheiros de S. Pedro ou por penitencias com o fim de obter indulgencias. Os dons preciosos com que nos favorece a deusa da Verdade são os esplendidos fructos da arvore do conhecimento e o ganho inapreciavel d'uma clara concepção unitaria do Universo, —mas não é nem a crença no «milagre» sobrenatural, nem o sonho ôco d'uma «vida eterna».

Ernesto Hachel.

Amar a Deus. esta força invisível que anima, dá a vida e o movimento a toda a materia, a transforma indifinidamente, e a conduz

para um fim, se pode chamar-se fim ao que é eterno, fim que não conhecemos, e jamais conheceremos sobre a terra.

Amar a Deus, o Ser Supremo, incommensuravel que dirige myriades de mundos, povoados sem duvida como o nosso, movendo-se em redor de myriades de sóes, o ser supremo, infinito, no dominio do qual milhões de milhares de leguas nada representam, pois que o espaço não tem limites, este Deus que os apóstolos fizeram tão pequeno, á nossa imagem, á nossa medida microscopica, especie de monarcha mais ou menos caprichoso e angustiado pelas paixões, mesquinhas e todas as fraquezas humanas, unicamente preocupado com o que fazemos, ou deixamos de fazer sobre a terra, e que seria o mais desgraçado, o mais miseravel, o mais lastimavel de todos os seres, se as mais insignificantes das nossas acções lhe devessem causar alegria ou tristeza, prazer ou dôr.

Amar a Humanidade, porque tudo que tem sido creado, nasceu para o amor, não pode viver não se procria, e não se eternisa, senão pelo amor.

Deus não nos deu a intelligencia e o coração para fazer obra de destruição e de trevas.

Se pode existir uma blasphemia, um peccado, um crime contra Deus,—o que não acredito, porque não se pode conceber o Ser Supremo senão immutavel e invulneravel, e por tal forma acima da humanidade que as nossas más acções não possam ferir senão a nós e aos nossos semelhantes,—é o crime de abafar a intelligencia e a razão, de pôr obstaculos ao amor fraternal, universal, que pode desenvolver e augmentar a civilização, o bem estar e a felicidade na nossa ephemera existencia, é o crime de impellir os homens para o fanatismo, para a intolerancia, para o egoismo e para o odio que só podem ser vencidos pela sciencia e pela razão.

Este crime tem sido commettido por todas as religiões dos seculos passados para unico proveito dos que as tem explorado.

«Quando a sciencia não consegue dominar a superstição, diz Ernesto Renan, a superstição abafa a sciencia.

Entre estas duas forças oppositas, o duello é de morte».

Do livro *Jesus Christo, do Conde Camille de Revene.*

Tiro nacional

A União dos Atiradores Civis Portuguezes, reconhecida como instituição de grande alcance patriótico, no desempenho do preceituado nos seus estatutos, resolveu promover algumas conferencias publicas sobre a *Defeza Nacional e Tiro Nacional*, assumpto de elevado e nobre patriotismo.

A primeira conferencia reallada no dia 27 do corrente na sala Algarve da «Sociedade de Geographia» de Lisboa, sendo conferente o sr. capitão Julio d'Oliveira, autor do livro «*A Nação Armada*».

ARCHIVO

Amanhã

Recebemos e muito agradecemos os n.º 1 e 2 d'esta bem orientada revista que se publica em Lisboa.

De primorosa educativa e moralizadora collaboração, «Amanhã» propõe-se pugnar pelo progresso e emancipação da humanidade coagida por preconceitos e leis deprimentes e atrophiantes.

Do seu bello artigo de apresentação tomamos liberdade de transcrever o seguinte periodo:

Amanhã aparece hoje para descobrir os erros que no fundo de cada uma das nossas instituições sociues existem, para espurgar do cerebro dos Homens as ideias falsas legadas por um passado de obscurantismo e de ignominia, e aferradas na mente das nossas gerações pela educação official, servil, dogmatica e metafisica.

ES O SUMARIO DO 2.º numero.

A OFENSA DA MENTIRA É UMA MENTIRA, João Branco — O AMOR SECUSAL, Angelo Jorge — ASPECTOS tentativas de uma filozophia da historia, por Antonio Cobeira — ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A HISTORIA DA EDUCAÇÃO, Lucinda Tavares — ARTE, soneto de Bento Faria — MALDADES, Araujo Pereira, — A NOSSA ORTOGRAFIA — EXPEDIENTE.

Desejando-lhe uma longa e prospera vida, aqui lhe consignamos os nossos protestos de solidariedade.

Lisbia Amada

Recebemos o n.º 6 d'esta interessante revista illustrada, litteraria, musical e recreativa que se publica em Lisboa.

Longa vida e muitas prosperidades lhe desejamos.

Breves indicações sobre o tiro

Da União dos Atiradores Civis Portuguezes, instituição patriótica, recebemos um folheto de 16 paginas intitulado *Breves indicações sobre o tiro.*

Pela sua utilidade e exposição pratica é muito vantajoso para os atiradores civis a quem o recommendamos.

Custa a modica quantia de 20 réis.

Os nossos agradecimentos pelos exemplares recebidos.

Evolução

Recebemos os n.ºs 1 e 2 d'esta instructiva e educativa folha que se publica em Gouveia.

Apresenta-se muito bem redigida e com artigos de incontestavel valor.

Que tenha um risonho futuro, são os nossos votos.

Defesa

Orgão dos Empregados no Commercio, sob a direcção do sr. Casimiro Silva, enceteu a sua publicação em Braga este nosso sympathico collega a quem desejamos uma venturosa vida.

Espadarte

Accusamos a recepção d'este novo collega que começou a publicar-se em Horta.

Muitas venturas e longa vida.

Patriota

Quinzenario independente que acaba de vir á luz da publicação em Lisboa.

Agradecendo a sua visita desejamos-lhe uma auspiciosa existencia.

Boletim

Recebemos o n.º 16 do Boletim da União dos Atiradores Civis, publicação mensal, dirigida pela comissão executiva d'ella collectividade.

Os nossos agradecimentos pela permuta.

Dignaram-se permutar com o «Despertar!» os seguintes collegas.

Noticias da Feira, Arauto da Moda, Avantel e Domingo.

Tambem recebemos o apreciavel folheto «Jacobinos» que agradeceremos.

Bibliotheca do povo

Empreza Editora

R. S. Filippe Nery, 40—Lisboa

Obras em publicação

Os Filhos do Trabalho, grande romance social por Antonio Contreras.

Os Anjos da Terra, esplendido romance por Perez Escrich.

Os Dramas do Infortunio por Antonio Contreras.

Cada tomo 100 réis, cada fasciculo 20 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao gerente Henrique Torres.

BIBLIOTHECA POPULAR DE LEGISLAÇÃO

AUTOMOVEIS—disposições regulamentares incluindo a portaria de 27 de fevereiro de 1906 Preço..... 100 réis.

MANUAL DO VEREADOR—500 réis.

CORREIÇÕES—incluido o decreto de 23 de Janeiro de 1909. Preço 250 réis.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL—legislação incluindo o decreto de 24 de Janeiro de 1909 Preço..... 250 réis.

Em publicação.

INDICE DE LEGISLAÇÃO DE 1898-A 1907—duas folhas de 8 paginas por semana. Preço..... 100 réis.

REPORTÓRIO DE LEGISLAÇÃO E JURISPRUDENCIA ADMINISTRATIVA—duas folhas de 8 paginas por semana, a 2 col. formato grande. Preço... 100 réis

A PATRIA PORTUGUEZA—2 folhas de 8 paginas por semana 2 col. formato grande. Preço..... 60 réis

A venda na Bibliotheca Popular de Legislação—Rua de S. Mamede, 50, 2.º—LISBOA